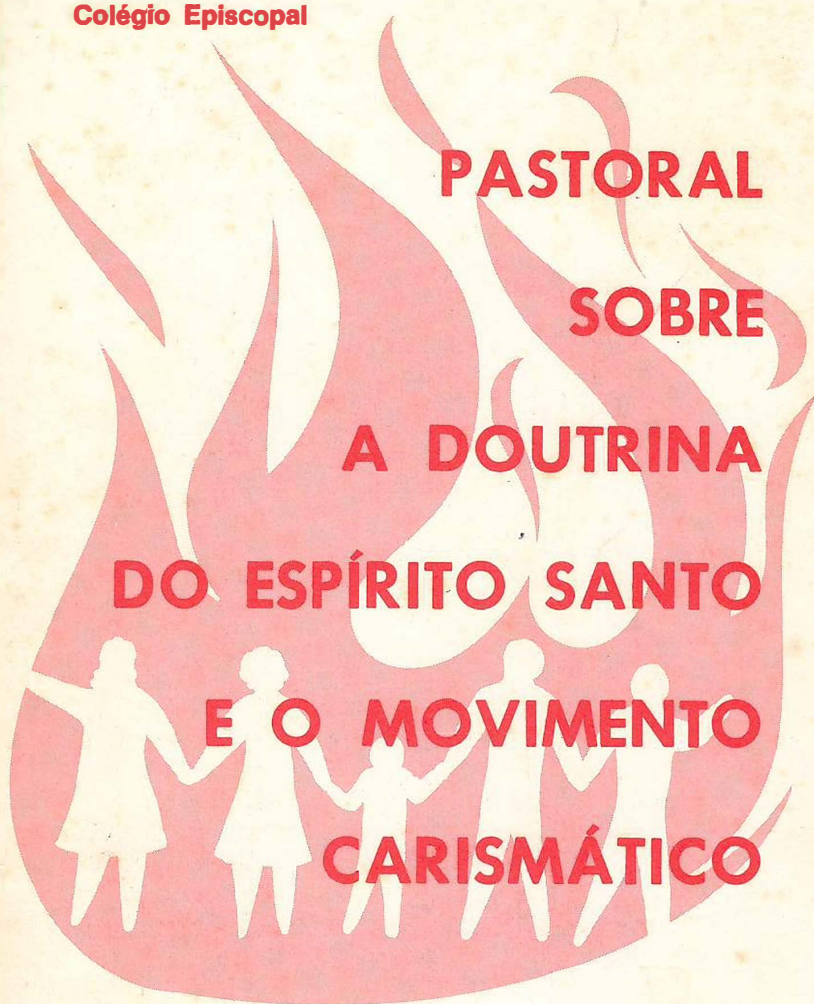


IGREJA METODISTA

Colégio Episcopal

A large, stylized red flame graphic that serves as a background for the title text. The flame is composed of several pointed, overlapping shapes, creating a sense of movement and heat. At the base of the flame, there are white silhouettes of five people of various ages and genders holding hands in a circle, suggesting a community or church gathering.

PASTORAL
SOBRE
A DOCTRINA
DO ESPÍRITO SANTO
E O MOVIMENTO
CARISMÁTICO

2ª Edição

IGREJA METODISTA
Colégio Episcopal

**PASTORAL SOBRE A DOCTRINA DO ESPÍRITO SANTO
E O MOVIMENTO CARISMÁTICO**

2ª Edição
1988

IGREJA METODISTA
Sede Geral
Caixa Postal 55.202
São Paulo – SP
CEP 04799

*Departamento Editorial
da Imprensa Metodista*
Av. Senador Vergueiro, 1301
São Bernardo do Campo – SP
CEP 09750

PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO

O grande desafio do quadriênio para o povo chamado metodista, em terras brasileiras, definido pelo XIV Concílio Geral da Igreja Metodista, é: A IGREJA A CAMINHO DA MATURIDADE.

Realmente, este tema é muito abrangente e, sobretudo, chama a atenção das comunidades metodistas para a importância do desafio paulino contido no capítulo 4 de Efésios, versículos 1.16. No bojo do texto, Paulo destaca:

“...esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz...” (versículo 3).

Na realidade, uma caminhada em busca da maturidade passa, indubitavelmente, pelo caminho da unidade e, conseqüentemente, requer uma compreensão bíblica e teológica da dinâmica do Espírito Santo, na vida totalizadora do povo de Deus.

Dentro desta perspectiva, o COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA tem a satisfação de apresentar às Igrejas Metodistas a segunda edição da PASTORAL SOBRE A DOUTRINA DO ESPÍRITO SANTO E O MOVIMENTO CARISMÁTICO, lançada pelos bispos da Igreja Metodista no ano de 1980

Naquela ocasião e nos anos subseqüentes, o referido documento pastoral trouxe uma grande contribuição no que se referiu ao conteúdo sobre a doutrina do Espírito Santo e uma posição metodista sobre o Movimento Carismático.

Semelhantemente, no ano de 1988, pós-realização do Concílio Geral da Igreja Metodista, o tema do Espírito Santo continua tendo um lugar especial na vida da caminhada da Igreja Metodista, especialmente quando ela define, em sua programática, a relevância dos DONS E MINISTÉRIOS, ou seja, o caráter ministerial da comunidade de fé e serviço.

Espera-se que esta segunda edição da PASTORAL SOBRE A DOUTRINA DO ESPÍRITO SANTO E O MOVIMENTO CARISMÁTICO possa ser reestudada, pelo POVO METODISTA, visando exclusivamente uma compreensão do relevante assunto e, finalmente, conduza nossa gente para uma prática ministerial comprometida com os valores desafiadores do Reino de Deus.

Orando para que a ação renovadora e transformadora do Espírito Santo provoque, na caminhada missionária do povo metodista, a verdadeira unidade na diversidade.

São Paulo, 12 de abril de 1988

Bispo Adriel de Souza Maia
Presidente do Colégio Episcopal

Efésios 4.1-4, 15-16

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro do Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados,

com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor,

esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz.

Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação.

Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, afetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.

PASTORAL SOBRE A DOCTRINA DO ESPÍRITO SANTO E O MOVIMENTO CARISMÁTICO

Nós, os Bispos da Igreja Metodista, chamados por Deus e pela Igreja, para apascentarmos o seu rebanho, preocupados com a preservação da unidade do espírito no vínculo da paz, às igrejas do povo chamado metodista apresentamos esta pastoral sobre a doutrina do Espírito Santo e as questões levantadas pela irrupção do movimento carismático nas comunidades evangélicas tradicionais, inclusive as nossas.

Graça a todos os irmãos e irmãs, membros leigos e clérigos, e paz da parte do Senhor Jesus e Deus nosso Pai, a quem, na unidade do Espírito Santo, seja a honra, e a glória, e o louvor, pelos séculos sem fim. Amém!

Damos graças a Deus pela ação de Deus na vida do movimento metodista. Nascido no coração dos Wesley, num ímpeto colossal do Espírito de Deus, em pleno século XVIII, o metodismo chegou até nós, em nossos dias, pelo testemunho de mulheres e homens fiéis à vocação de "espalhar a santidade de Deus por toda a terra" e à convicção de que "o mundo é a nossa paróquia".

O metodista é alguém que, pelo Espírito Santo, tem o amor de Deus em seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e força!"

A Igreja só é Igreja quando revestida e orientada e, poderosamente fortalecida no Espírito Santo.

Com João Wesley, reconhecemos que o "metodista é alguém que, pelo Espírito Santo, tem o amor de Deus em seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e força!" (Marcas de um metodista).

Como Bispos eleitos pela Igreja, reafirmamos nossa comunhão com os membros do XII Concílio Geral da Igreja Metodista, reunidos em Piracicaba, um dos berços do metodismo brasileiro, e proclamamos que "a Igreja só é Igreja quando revestida e orientada e, poderosamente fortalecida no Espírito Santo. Na presença, orientação, capacitação e poder do Espírito Santo a Igreja cumpre a missão... A Igreja Metodista no Brasil reconhece que tudo na fé cristã depende da presença e ação do Espírito Santo...; daí a urgente necessidade de o povo de Deus estar sensível à ação do Espírito Santo, e tudo fazer para não se tornar, consciente ou inconscientemente, uma pedra de tropeço ao Espírito Santo". (Plano Quadrienal. Bases Teológicas, n.º 17).

Reafirmamos, ainda, nossa comunhão com os irmãos bispos que no passado instruíram o povo metodista sobre a pessoa e a ação do Espírito Santo através de edificantes pastorais. O documento que ora oferecemos à consideração de nossa Igreja aprofunda o ensino anterior e o considera à luz de uma problemática específica: as questões levantadas pelo chamado movimento carismático.

Entendemos que a expressão *é carismática* é pobre quando se refere a uma determinada experiência de alguns cristãos, pois, segundo o ensino bíblico, todo cristão é carismático, na medida em que os dons de Deus são extensivos aos cristãos indistintamente e onde quer que Jesus Cristo seja confessado como Senhor e Salvador. Mediante a concessão dos dons do Espírito, Deus em Cristo edifica a sua Igreja, capacitando-a para a evangelização do mundo. É importante relembrarmos aqui um dos fundamentos de nossa herança protestante e evangélica — o *sacerdócio universal de todos os crentes*. O ministério de Cristo, compartilhado por sua Igreja, é comunitário e não individual, pois

Segundo o ensino bíblico, todo cristão é carismático, na medida em que os dons de Deus são extensivos aos cristãos indistintamente e onde quer que Jesus Cristo seja confessado como Senhor e Salvador.

todos os cristãos são chamados a participar sem quaisquer discriminações na ação salvífica de Deus em Jesus Cristo (1 Pe 2.1-10, cf. Êx 19.6, Nm 11.29; Cl 3.9-11).

Reafirmamos, também, que, ao expormos à Igreja nossa orientações sobre a Doutrina do Espírito Santo e o movimento carismático, buscamos seguir os critérios wesleianos para o exame de doutrinas e costumes que careçam de orientação adequada dentro da nossa comunidade:

- o testemunho da Palavra de Deus escrita;
- o testemunho da tradição viva da Igreja, em outros tempos, lugares e confissões;
- a experiência pessoal dos cristãos;
- e o uso da razão, meio pelo qual também compreendemos a revelação divina.

Como herdeiros do Pentecostes do século XVIII, o movimento conduzido por Deus através dos irmãos Wesley, fiéis à nossa herança ecumênica que nos leva a estender a mão de comunhão a todo aquele que se sentir em paz com Deus, acolhemos com amor fraterno aos irmãos e irmãs que em sua vivência de cristãos tenham tido experiências denominadas de carismáticas. Nossa Igreja se abre a todos aqueles que se reconhecem como metodistas, dentro dos princípios de fé aceitos pelo Metodismo Universal, e aceitam nossas doutrinas, costumes e organização eclesial. Esperamos, como bispos da Igreja, que aqueles metodistas que se consideram carismáticos concordem em se comprometer mais e mais com nossa herança comum, enraizados no que Deus tem feito através do povo chamado metodista, aqui e em outras partes do mundo. A exemplo de todos os metodistas, desejamos que estes irmãos e irmãs, pastores e leigos, estejam em perfeita, completa e total comunhão e unidade com a Igreja: conosco, os bispos da Igreja, com todos os pastores e pastoras, e com todo o povo metodista. Temos a certeza de que com tal espírito e determinação, o ardor e entusiasmo providos pela experiência chamada carismática servirão para a edificação de todo o corpo a fim de que melhor realizemos a tarefa missionária que o Senhor colocou em nossas mãos,

Nossa Igreja se abre a todos aqueles que se reconhecem como metodistas, dentro dos princípios de fé aceitos pelo Metodismo Universal, e aceitam nossas doutrinas, costumes e organização eclesial.

pois "UNIDOS PELO ESPÍRITO METODISTAS EVANGELIZAM". Assim, pretendemos dentro de uma clara compreensão de nossa herança metodista, providenciar aos metodistas brasileiros orientação que nos ajude a compreender e interpretar o papel do Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo de tal sorte que as experiências de nossos dias sirvam de forma eficaz para a evangelização do povo brasileiro.

Obedientes à voz de Deus, que tem chegado até nós através dos reclamos de irmãos e irmãs nossos, instando-nos para que orientemos doutrinação e pastoralmente à Igreja de Deus sob nossos cuidados episcopais a respeito destas questões, após estudo e oração, no espírito de humilde serviço pastoral, colocamos perante o povo metodista esta pastoral.

"Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis são os seus caminhos!

Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?

Ou quem primeiro lhe deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele e por meio dele e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém." (Romanos 11.33-36)

1. O MOVIMENTO CARISMÁTICO

O chamado "Movimento Carismático" ou o "Neo-Pentecostalismo", ou, ainda, a "Renovação Carismática", é o despertar no seio de Igrejas Tradicionais de uma nova experiência, conhecida no ambiente do Pentecostalismo Clássico, de vivência do Batismo do Espírito Santo e dos Dons do Espírito. Embora não se possa precisar o seu surgimento, as fontes conhecidas do seu despertar apontam para os primeiros anos da década 60, em algumas Igrejas nos Estados Unidos e na Europa. Na Igreja Católica o movimento é melhor caracterizado, tendo seu início na primavera de 1967 nas Universidades de Duques-

ne, Pittsburg, e de Notre Dame, South Bend, nos Estados Unidos. O movimento se espalhou por todo o mundo e tem causado impacto no seio de Igrejas Tradicionais, especialmente as protestantes, dada a sua aproximação com o pentecostalismo clássico, e tem gerado controvérsias.

Uma das ênfases centrais do movimento carismático tem sido o interesse crescente na ação e ministério do Espírito Santo, na Igreja e no mundo, tanto na dimensão pessoal, como na dimensão comunitária. De uma certa forma, o movimento carismático, como já ocorrera com o aparecimento dos grupos pentecostais, reavivou na Igreja a necessidade de se examinar de maneira mais consequente a ação e o ministério do Espírito Santo.

A ênfase que o movimento carismático dá ao poder do Espírito Santo e à importância dos dons espirituais para o exercício da Missão, tem servido para nos despertar quanto à necessidade de uma autêntica renovação em toda a Igreja sob a direção do Espírito de Deus.

Outra ênfase central no movimento carismático é a sua convicção de que a vida sob o poder do Espírito é acompanhada de manifestações extraordinárias, os dons espirituais, conforme as descrições do Novo Testamento. Estas experiências, comuns no contexto pentecostal tradicional, se tornam mais frequentes nos ambientes das denominações chamadas "históricas", como entre nós, os metodistas. Os dons, inúmeras vezes, se manifestam com alegria e emoção, procurando, contudo, em muitos grupos, evitar-se cair no emocionalismo. A ênfase que se tem dado, de um modo geral, através da literatura carismática, tem sido na apropriação dos dons pela fé e não pelos sentidos, na busca de emoções. Estas poderão acompanhar uma experiência, mas não são estritamente necessárias. A fé é mais importante que as emoções, embora estas façam parte de nossa estrutura psíquica. Os dons devem ser buscados como instrumentos para "a edificação do Corpo de Cristo" e não como algo de mera satisfação individual. São

De uma certa forma, o movimento carismático, como já ocorrera com o aparecimento dos grupos pentecostais, reavivou na Igreja a necessidade de se examinar de maneira mais consequente a ação e o ministério do Espírito Santo.

A ênfase que se tem dado, de um modo geral, através da literatura carismática, tem sido na apropriação dos dons pela fé e não pelos sentidos, na busca de emoções.

para serviço da comunidade da fé e do mundo, e não para vanglória pessoal.

O movimento carismático também dá ênfase ao fato de que não se pode estabelecer um padrão de experiência a ser seguido por todos os cristãos. Reconhece que as mais variadas experiências nos mais variados grupos cristãos, são expressões significativas da diversidade da ação do Espírito Santo na Igreja de Cristo.

Apesar de pouco generalizada, alguns grupos carismáticos procuram dar ênfase à unidade que deve existir entre evangelização e luta pela justiça social. Estes grupos procuram realçar a necessidade tanto de uma renovação pessoal, como a necessidade de uma renovação das estruturas sociais, baseados na convicção de que o Reino de Deus encontra uma das suas expressões mais importantes na realização da justiça social.

Se, por um lado, há elementos altamente positivos na irrupção do movimento carismático nos seios das igrejas históricas, tais como o valor da oração e do estudo das Escrituras, a dinamização do ministério leigo na comunidade cristã, a atenção à obra de testemunhar Cristo onde quer que se esteja, por outro lado, há também perigos que podem vir a comprometer a legitimidade do movimento, tais como a tendência ao divisionismo, ao isolacionismo e ao sectarismo, a presença de um fundamentalismo literalista quanto aos textos bíblicos, especialmente do Antigo Testamento, a exacerbação das emoções e dos sentimentos, a falta de consciência do caráter provisório da experiência e do conhecimento cristão (cf. 1 Co 13.9-12), e a indefinição confessional que leva muitos irmãos e irmãs carismáticos a se tornarem vulneráveis à exploração de líderes de reputação até mesmo duvidosa.

Não pretendemos esgotar aqui a descrição do movimento carismático. Existe hoje uma abundante literatura ao nosso alcance sobre esta experiência de diversos cristãos em muitos países do mundo. Lembremos, contudo, que esta não é a única experiência renovadora das Igrejas em nossos dias. Há outros

movimentos que merecem toda a atenção do Povo de Deus, tais como o redespertar do compromisso cristão com a luta dos pobres e oprimidos por um mundo mais justo e fraterno, o crescimento do movimento ecumênico, especialmente nas comunidades de base, onde o compromisso de fé com a justiça une cristãos de diferentes confissões, e também o ímpeto evangelístico que percorre quase todas as Igrejas cristãs. Estes sinais testificam a presença do Espírito entre nós, em nossos tempos.

A manifestação do Espírito de Deus é variada, e devemos estar atentos para todos os sinais que evidenciem o dinamismo espiritual da vida da comunidade dos crentes em Jesus.

2. *CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A DOUTRINA DO ESPÍRITO SANTO*

Queremos refletir com o povo metodista acerca de alguns pontos que consideramos importantes para a correta compreensão da ação do Espírito Santo na vida do crente, da Igreja e do mundo. A reflexão que ora fazemos é parte de nosso ofício episcopal. Somos desafiados pela exigências da Palavra viva de Deus, que chega a nós tanto pelo testemunho bíblico do Antigo e Novo Testamento, como através dos clamores de nosso povo. Vivemos momento de profunda crise em nossa sociedade em todas as suas dimensões e reconhecemos que a origem desta crise está num sistema de vida e de valores que conflitam abertamente com a mensagem do Reino de Deus e de sua justiça, proclamada e vivida por Jesus Cristo. Esta crise nos desafia a um testemunho do evangelho e do seu poder libertador, tanto das pessoas como das estruturas sócio-político-econômicas, que só com a assistência do Espírito de Deus poderemos dar. Ao refletirmos com os irmãos e irmãs que formam o povo chamado metodista sobre esta oportunidade oferecida pelo Senhor, convidamos a Igreja a se abrir ao sopro vitalizador do Espírito (Ez 37.1-14). Para participarmos da construção do Reino de maneira efetiva é necessário a renovação de todo o Povo de Deus.

A manifestação do Espírito de Deus é variada, e devemos estar atentos para todos os sinais que evidenciem o dinamismo espiritual da vida da comunidade dos crentes em Jesus.

Ao refletirmos com os irmãos e irmãs que formam o povo chamado metodista sobre esta oportunidade oferecida pelo Senhor, convidamos a Igreja a se abrir ao sopro vitalizador do Espírito.

Alguns grupos carismáticos procuram dar ênfase à unidade que deve existir entre evangelização e luta pela justiça social.

Por isso, numa atitude de oração humilde, rogamos ao Senhor:

"Vem dos quatro ventos, ó Espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam". (Ez 37.9)

a) *O Espírito Santo, o Espírito de Deus*

O Espírito é Santo porque ele é de Deus. Há um fato evidente em todo o testemunho histórico da Palavra de Deus: Javé (ou Jeová) é o Deus que se revela na história como Criador, como Senhor, como Salvador e como Fortalecedor.

O Espírito é Santo porque ele é de Deus. Há um fato evidente em todo o testemunho histórico da palavra de Deus: Javé (ou Jeová) é o Deus que se revela na história como Criador (Gn 1 e 2), como Senhor (Ex 20.2 e 3), como Salvador (Is 43.1-3; 45.21; 60.16. Os 13.4; Lc 1.47), e como Fortalecedor (Sl 10.16-18; Is 41.8-10; Ef 6.10). Este Javé é Espírito (Jo 4.24; 2 Co 3.17). A expressão *espírito*, quando se refere a Deus, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, se identifica sempre com o próprio Javé e com sua ação de Senhor. É Javé quem dá vida e alento ao mundo e às criaturas; quem chama Abraão do meio de sua parentela para constituir o Povo de Deus, vocacionando-o a ser bênção para todas as famílias da terra; quem liberta o seu povo da opressão egípcia; quem o preserva no deserto e lhe dá a terra da liberdade prometida aos patriarcas; quem dá sabedoria aos juízes; quem dá a palavra aos profetas. É Javé que, na plenitude dos tempos, se faz homem em Jesus de Nazaré e sobre ele derrama o seu Espírito; nele se manifesta de maneira plena, em sua vida, morte e ressurreição. É Javé que no dia de Pentecostes, mediante a ação do seu Espírito, vocaciona e constitui a sua Igreja, dando-lhe graça e poder, capacitando-a para cumprir o testemunho de Jesus Cristo, na continuação da sua ação histórica e salvífica. O testemunho das Escrituras Sagradas nos convence do fato de que a ação do Espírito sempre nos manifesta a presença do Deus Trino.

Após a Ressurreição e a Ascensão de Jesus Cristo, o Espírito de Deus passa a agir no mundo de maneira nova e esta ação tem como um dos seus focos a comunidade dos discípulos de Jesus. A experiência da nascente Igreja no dia de Pentecostes, quando Javé cumpre as promessas do passado (II

Após a Ressurreição e a Ascensão de Jesus Cristo, o Espírito de Deus passa a agir no mundo de maneira nova e esta ação tem como um dos seus focos a comunidade dos discípulos de Jesus.

2.28-29, Ez 36.25-27) e as do próprio Jesus (Jo 14 e 16; At 1.8), mostra como a comunidade primitiva começa a perceber a ação do Espírito que nos dá a consciência da graça salvífica em Cristo (Jo 14.26; 15.26; 16.8-13; 17.8-11), pela qual somos conduzidos à comunhão com o Pai (1 Jo 1.3), e este mesmo Espírito é quem nos conduz no caminho da santificação (2 Ts 2.13; Rm 8.9-11; Gl 5.22-24) e nos capacita para o exercício do ministério cristão até os confins da terra (Ef 4.1-16, cf. Atos 1.8). O Senhor Jesus antes de ser glorificado, prometeu a sua companhia contínua junto aos seus discípulos; esta companhia contínua se efetiva mediante a ação do Espírito do Senhor e alcança a todos os que nele crêem e se sujeitam ao seu Senhorio. Esta presença do Espírito é que dá à Igreja poder para o cumprimento da Missão de Deus, e seu ministério se dá na vida das pessoas, da Igreja e do mundo.

O testemunho bíblico também nos afirma e preserva constantemente a unidade da ação divina. Deus é um só e age sempre em unidade, apesar de agir de diferentes maneiras em diferentes momentos da história humana (Sl 33.6; Hb 1.1-2; 2 Co 5.17). É, portanto, perigoso se tentar isolar o trabalho do Espírito da ação do Pai e do Filho. Deus em si é indivisível e inseparável em sua ação, pois Deus de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo (2 Tm 2.13). É perigoso, também, dar-se ênfase desmedida à obra do Espírito em detrimento à pessoa de Jesus, esquecendo-se que sua ação é revelar e glorificar a Jesus, levando homens e mulheres à aceitação do seu Senhorio, já que só mediante o Espírito é que podemos confessá-lo como Senhor, confissão imprescindível para a nossa salvação (1 Co 12.3; Rm 10.9-13). É perigoso, entretanto, subestimar-se o poder e a obra do Espírito na vida da Igreja, pois cremos que somente através de sua atuação pode o ser humano passar pela experiência de regeneração, e sem o seu testemunho não podemos alcançar a santificação (ver os Sermões de Wesley, n.ºs IX, X, XI, XII e XVIII).

O Espírito Santo nos dá a consciência da graça salvadora do Pai, nos leva a comunhão com o Pai, nos santifica e nos capacita para o exercício do ministério cristão.

Deus é um só e age sempre em unidade, apesar de agir de diferentes maneiras em diferentes momentos da história humana.

Creemos na Santíssima Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo (Artigo de Religião n.º 1). Esta confissão fazemos na companhia de todos os crentes, em todos os tempos, e em todos os lugares em que a fé apostólica foi proclamada e vivida, de maneira correta e verdadeira. Estamos convictos, como Bispos da Igreja, que a vontade de Deus Trino é conduzir a Igreja dos nossos dias à vivência e à dimensão plena da vida experimentada pelos nossos irmãos e irmãs da Igreja Primitiva, a fim de que como eles possamos responder às exigências da Missão, *aqui e agora*.

b) *O Reino de Deus, o dom do Espírito, e a Igreja*

Relembremos o que nos disse o último Concílio Geral de nossa Igreja:

“A Missão de Deus no mundo é estabelecer o seu Reino. Participar da implantação do seu Reino em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizante da Igreja.

O Reino de Deus é o alvo do Deus Trino e significa o surgimento do novo mundo, da nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz. Tudo isto está introduzido em nós e no mundo como semente que o Espírito está fazendo brotar, como lemos em Romanos 8.23: “Nós temos as primícias do Espírito, aguardando a adoção de filhos”, ou ainda em 2 Coríntios 1.21-22: “Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu, é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações”.

Jesus iniciou a sua Missão no Mundo com a pregação: “O tempo está cumprido e o Reino de Deus está próximo, arrependei-vos e crede no Evangelho”, conforme Marcos 1.15.

Conseqüentemente, o Propósito de Deus é liberar o ser humano de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua neste

mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus”.

(Plano Quadrienal, pg. 10, itens de 1 a 4)

O Reino de Deus, centro da mensagem de Jesus, transcende a qualquer instituição, e não se restringe às fronteiras da Igreja. O Reino de Deus é graça, dom de Deus aos homens e mulheres: por isso oramos: “Venha o teu Reino!”. Através da vitória de Jesus sobre os poderes da morte e do pecado, em sua poderosa Ressurreição, Deus nos promete um novo céu e uma nova terra, cidade de Deus entre nós (Ap 21.1-7). A realização deste Reino estabelecerá para sempre o primado do direito e da justiça, da paz plena, do amor imorredouro, e da alegria perene, conforme o testemunho dos profetas e dos apóstolos. Ele ainda não nos é tangível e nem podemos perceber toda a sua plenitude entre nós. Nossa atitude é de ardente expectativa: nós o esperamos. Sua presença, contudo, já se faz sentir entre nós. Como a pequena semente que pouco a pouco cresce, assim o Reino de Deus já manifesta os seus sinais na história da humanidade (Mt 13.31-32). O tempo que vivemos, do *já* e do *ainda não* do Reino, é o tempo do Espírito (2 Co 5.1-5; 16-21; 6.1-2). O dom do Espírito é a força e o poder de Deus que faz brotar, *aqui e agora*, entre nós, os primeiros sinais do Reino de Deus e da sua justiça, da nova criação, o novo homem, a nova mulher — é o tempo das primícias do Reino (Rm 8.23). O Senhor ressuscitado derrama o seu Espírito sobre toda a carne para que a comunidade dos seus discípulos seja o seu corpo visível neste mundo, testemunha e sinal do Reino (Atos 2.42-47; 4.32-35; 1 Co 12). O Espírito Santo, contudo, como garantia do Reino, não limita sua ação ao grupo dos discípulos de Jesus (Mc 9.38-41), mas é livre e soberano para agir onde, quando e como bem lhe apraz (Jo 3.8), pois o objetivo de sua ação é fazer amadurecer as condições para a vinda do Reino. Esta presença do Espírito de Deus é, por um lado, a garantia de que o Reino prometido, *ainda não presente* em sua plenitude, virá; e, por outro lado, os

Ele ainda não nos é tangível e nem podemos perceber toda a sua plenitude entre nós. Nossa atitude é de ardente expectativa: nós o esperamos. Sua presença, contudo, já se faz sentir entre nós.

O dom do Espírito é a força e o poder de Deus que faz brotar, *aqui e agora*, entre nós, os primeiros sinais do Reino de Deus e da sua justiça, da nova criação, o novo homem, a nova mulher — é o tempo das primícias do Reino.

sinais que *já* podemos discernir da construção, do crescimento do Reino, somente são possíveis porque o primeiro sinal da irrupção do Reino já se fez sentir poderosamente entre nós — o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes.

É na tensão do *já* e do *ainda não* do Reino, no tempo do Espírito, que se localiza a Igreja. Somos sinal do Reino, mas não nos confundimos com ele. E ainda mais: temos que reconhecer que não somos proprietários do Espírito, fonte do crescimento do Reino e sua garantia. Temos que lutar contra toda tentativa de sermos proprietários do Espírito, como se isso fosse possível (Atos 5.1-10, 8.18-24). Antes, a Igreja só é realmente Igreja quando se submete incondicionalmente à ação e ao poder do Espírito Santo, que é concedido aos crentes não como um privilégio ou um monopólio seu, mas para capacitar-nos a participar consciente e responsavelmente na obra da construção do Reino.

Os valores do Reino, além disso, nos chamam constantemente à atitude de humildade e contrição, pois suas exigências impõem sobre nós a necessidade de nos arrependermos e convertermo-nos de nossos pecados, tomando assim o caminho da santificação (Rm 12.1-2, Ef 4.17-5.2).

É importante que realcemos o fato de que o caminho da vida segundo o Espírito tem a ver diretamente com o nosso relacionamento com o nosso próximo, no mesmo espírito de amor e serviço que caracterizou o ministério de Jesus. Viver no Espírito é antes de mais nada ser capaz de amar como Jesus amou, ao ponto de dar a sua vida pelos seus amigos (Jo 13.1; 15.12-17; Fp 2.1-9). Por isso, afirmamos que o primeiro e fundamental dom do Espírito é a submissão ao Senhorio de Jesus Cristo — onde homens e mulheres aceitam a Jesus como Senhor e Salvador, ali o Espírito Santo realiza sua principal tarefa: levar-nos todos a Jesus Cristo, como doador da nova vida.

Confrontados pelo Espírito com esta vida de amor pleno e total, somos constrangidos a reconhecer nossa pequenez e nossa fragilidade humana, de

tal sorte que não há lugar para atitudes de presunção, vaidade ou orgulho. Além disto, somos constrangidos a renunciar a toda e qualquer atitude de triunfalismo denominacional ou de grupo (1 Co 13.9a, 10-12; 2 Co 4.7; cf. Lc 10.17-20).

Reconhecemos, ainda, que os escritores do Novo Testamento quando se referem à experiência com o Espírito Santo usam uma terminologia variável. Assim temos várias designações: “a promessa do Pai” (Lc 24.49; At 1.4; 2.33); “o batismo com o Espírito” (Jo 1.33; At 1.5; 11.16); “o dom do Espírito” (At 2.38); “receber o Espírito” (At 8.17; 19.2); e “ser cheio do Espírito” (At 2.4; 9.17). A ação do Espírito Santo é descrita ainda com as palavras: “vir sobre” (At 19.6); “revestimento” (Lc 24.49); “cair sobre” (At 10.44, 11.15); e “derramar” (At 2.33, 10.45).

Não há dúvidas que é uma experiência definida e testificada pelo próprio Espírito com o nosso Espírito, como o foi na vida dos primeiros discípulos, na de Wesley e seus companheiros e tantos outros que receberam a promessa pela fé e foram poderosamente usados por Deus.

Reafirmamos, nós, os bispos da Igreja, à vista desta compreensão bíblica e teológica sobre o relacionamento Reino-Espírito-Igreja, que tudo na Igreja deve estar subordinado aos propósitos divinos em estabelecer o seu Reino. Todas as dimensões da vida têm de se submeter aos interesses do Reino de Deus. Proclamamos a convicção de que a revelação de Deus conforme o encontramos na Bíblia nos testifica sobre o interesse de Deus em salvar a totalidade da vida humana (Mt 9.6 cf. Is 2.1-5, 9.1-7, 11.1-10). Reconhecemos que a libertação do indivíduo e da sociedade são igualmente objetos da vontade de Deus em salvar a todos, sendo aspectos inseparáveis da sua obra redentora. Cristo veio salvar o mundo — indivíduos e sociedade — redimindo-nos do pecado pessoal e social (Rm 8.19-23 cf. Is 1.10-20, 58.1-12, 59.1-21). Todos, homens e mulheres, que sob a ação do Espírito Santo confessam Jesus Cristo como Senhor são chamados a lutar para o estabelecimento do Reino de Deus —

Reconhecemos, ainda, que os escritores do Novo Testamento quando se referem à experiência com o Espírito Santo usam uma terminologia variável.

É importante que realcemos o fato de que o caminho da vida segundo o Espírito tem a ver diretamente com o nosso relacionamento com o nosso próximo, no mesmo espírito de amor e serviço que caracterizou o ministério de Jesus.

Reino de amor, de paz, de justiça, de liberdade e de alegria.

c) *A recepção do Dom do Espírito*

O Novo Testamento, especialmente o livro dos Atos dos Apóstolos, não nos dá um paradigma único sobre a maneira como o crente recebe o dom do Espírito.

O Novo Testamento, especialmente o livro dos Atos dos Apóstolos, não nos dá um paradigma único sobre a maneira como o crente recebe o dom do Espírito. O Apóstolo Paulo, que dedica atenção considerável à ação do Espírito do Senhor na comunidade da fé, não chega a nos dizer de forma casuística algo determinante a respeito da recepção do Espírito Santo. O certo é que o Novo Testamento fala desta experiência decisiva para o crente de maneira variada e diversa. É de se ressaltar aqui o fato de que até mesmo as narrativas bíblicas sobre a recepção do Espírito pelos discípulos de Jesus não são harmoniosas entre si, pois enquanto João nos diz que Jesus concedeu-lhes o Espírito *antes* da sua Ascensão (João 20.21-23), Atos nos afirma que isto ocorreu no dia de Pentecostes, portanto *após* a sua Ascensão. Entretanto, não é isto que importa; o que realmente conta é que a recepção do Espírito é uma realidade na vida da Igreja Nascente.

Em Atos 2.1-4, lemos que os 120 discípulos de Jesus que estavam orando no Cenáculo receberam o Espírito no dia de Pentecostes. É curioso notar que esta experiência se dá sem qualquer alusão ao batismo com água em nome de Jesus, já que possivelmente nem todos ali presentes tivessem recebido o batismo de João, e que, conforme Atos 19.4, também não tinha validade qualquer para a conversão cristã. Os 120 do Cenáculo não necessitaram passar por duas experiências distintas — o batismo no nome de Jesus (sinal de arrependimento, conversão e confissão de fé em Jesus) e a recepção do Espírito; neles o batismo com o Espírito abrange também a dimensão real e simbólica do batismo com água.

Em Atos 2.38, ao responder aos primeiros ouvintes da pregação apostólica, Pedro praticamente identifica de maneira global a experiência do arrependimento, do batismo com água e da recepção do Espírito, sem que haja qualquer alusão a ex-

periências cronologicamente distintas e separadas entre si.

Em Atos 8.14-17, lemos que os convertidos da Samaria foram batizados por Filipe (o diácono e não o apóstolo!) em o nome de Jesus, após aceitarem pela fé a mensagem do Evangelho. Contudo, não receberam o dom do Espírito até que os apóstolos chegassem à Samaria e lhes impusessem as mãos, numa separação entre o aceitar Jesus como Senhor e Salvador e o receber o Espírito.

Em Atos 9.17, Ananias vai à casa de Judas ao encontro de Saulo de Tarso e ali lhe proclama a mensagem do Cristo que lhe aparecera no caminho de Damasco, prometendo-lhe que o Senhor o encheria do seu Espírito, e logo o batiza. Paulo não fala em qualquer uma de suas epístolas, ao relatar sua experiência cristã, de uma outra experiência de recepção do Espírito distinta e separada daquilo que lhe ocorreu na casa de Judas.

Em Atos 10.44-48, Lucas relata que ao ouvirem a pregação de Pedro, os que estavam na casa de Cornélio recebem o dom do Espírito Santo, antes mesmo de confessarem seu arrependimento e sua fé em Jesus, e então recebem o batismo com água. O batismo com o Espírito é seguido pelo batismo com água, já que diante de tal evidência o Apóstolo e, por extensão, a Igreja de Jerusalém, não podiam continuar insensíveis a ação de Deus entre os gentios (At 11.17-18).

Em Atos 19.1-7, Paulo quando chega a Éfeso descobre que as pessoas evangelizadas por Apolo nem mesmo sabiam algo sobre a existência do Espírito Santo. Só tinham recebido o batismo de João. Paulo, primeiro esclarece-lhes sobre a diferença entre o batismo de João e o de Jesus, depois os batiza em nome de Jesus, a seguir, lhes impondo as mãos para que recebam o Espírito, experiências, ao que tudo indica, quase que concomitantes.

A análise destes textos de Atos, ao lado das narrativas sobre a conversão de Lídia (At 16.11-15) e a do carcereiro de Filipos (At 16.27-34), mostra que não podemos extrair da experiência dos cristãos primitivos uma regra que padronize a recepção do

A análise destes textos de Atos, mostra que não podemos extrair da experiência dos cristãos primitivos uma regra que padronize a recepção do Espírito pelo crente.

O que podemos afirmar, sem dúvida alguma, é que a qualquer pessoa que se abre humilde e sinceramente ao Evangelho, aceitando Cristo como seu Senhor e Salvador, é prometido o Espírito Santo, e Deus é fiel e justo em suas promessas.

Espírito pelo crente, quer vinculando-a unicamente ao momento de conversão ou do batismo, quer identificando-a como algo distinto, que se constitua obrigatoriamente em si mesmo como que numa segunda bênção. Tanto uma posição como outra são dogmatizantes e procuram sistematizar o que em si mesmo não é sistematizável, pois é da liberdade do Espírito agir como bem lhe apraz. O que podemos afirmar, sem dúvida alguma, é que a qualquer pessoa que se abre humilde e sinceramente ao Evangelho, aceitando Cristo como seu Senhor e Salvador, é prometido o Espírito Santo, e Deus é fiel e justo em suas promessas.

“Há uma variabilidade irreconciliável nas operações do Espírito Santo nas almas dos homens, especialmente quanto ao modo da justificação. Muitos o encontram derramando-se sobre eles como uma torrente enquanto experimentam o poder dominador da graça salvadora. Esta tem sido a experiência de muitos, talvez mais nesta última visitação do que em qualquer outra época desde os tempos apostólicos. Mas Ele opera em outros de maneira muito diferente: Ele exerce a sua influência de maneira delicada, refrescante como o orvalho silencioso. Foi do seu agrado operar em vós deste modo desde o começo, e é provável que continue, como começou, a operar de modo delicado e quase insensível. Que Ele faça como quiser; Ele é mais do que vós; Ele fará todas as coisas bem. Não argumenteis contra Ele, mas que a oração do vosso coração seja: molda a tua argila como queres.”

(Cartas de Wesley “A Maria Cooke” - VII, 298)

d) O Fruto do Espírito

A confissão do Senhorio de Jesus, que só pode ser feita mediante a ação do Espírito (1 Co 12.3b), só alcança sua legitimidade quando se faz acompanhar de uma vida inequivocamente vivida segundo os valores mais altos do Evangelho do Reino (Mt 5, 6 e 7). A confissão deste Senhorio (uma das condições para a salvação — Rm 10.9-13, cf. Fp 2.9-11), não pode ser reduzida à mera pro-

clamação verbal, mas tem que ser manifesta através de uma prática de vida que esteja de acordo com o ensino de Jesus, pois pelos frutos se conhece a árvore (Mt 7.15-23). Tal prática de vida evangélica é descrita pelo Apóstolo Paulo como “andar no Espírito” e se expressa de forma concreta através do “fruto do Espírito”, opondo-se à vida não-evangélica, quando o homem ou a mulher vive “segundo a carne”, realizando as “obras da carne”. É o processo de santificação do crente.

Viver segundo a carne é vida em oposição aos propósitos de Deus, numa relação auto-suficiente e egocêntrica, onde Deus e o próximo não contam, os interesses egoístas prevalecem; em última análise, uma vida irresponsável. Viver segundo o Espírito é assumir os propósitos de Deus, renunciar à existência auto-suficiente e egocêntrica, existir para Deus e o próximo, dar-se aos outros em serviço solidário e fraterno, viver responsabilmente. Viver no Espírito é estar liberto do pecado para servir a Deus e ao próximo.

Viver na carne é, antes de mais nada, uma existência egocêntrica, onde Deus, a natureza e o próximo são objetos dos interesses egoístas (idolatria, feitiçarias, bebedices, glotonarias, inimizades, porfias, ciúmes, discórdias, prostituição, etc.). A abordagem do Apóstolo não se fundamenta numa visão moralista da vida: tal existência carnal (tanto do ponto de vista pessoal como comunitário) somente é possível por causa de uma quebra de relação com Deus e com o próximo, motivada por algo decisivo — o propósito humano auto-idólatra em querer dominar o outro (Deus ou o próximo; ou os dois) para satisfazer os seus interesses egoístas (Rm 1.18-32, At 5.1-10, cf. Gn 3.1-24; 4.1-16). Portanto, a análise paulina é feita a partir de uma *visão teocêntrica* da vida.

Viver no Espírito é exatamente o reverso de viver na carne: é uma existência onde o centro da existência não é mais o *eu* (pessoal ou social), mas sim os outros (Deus, o próximo e a comunidade) (At 2.42-47, 4.32-37). A vida segundo o Espírito

Viver na carne é, antes de mais nada, uma existência egocêntrica, onde Deus, a natureza e o próximo são objetos dos interesses egoístas.

Viver no Espírito é exatamente o reverso de viver na carne: é uma existência onde o centro da existência não é mais o *eu* (pessoal ou social), mas sim os outros (Deus, o próximo e a comunidade).

é a vida que se expressa em atos de amor desinteressado e altruísta: paz, paciência, ternura, bondade, fidelidade, humildade, domínio próprio. Aqueles que tomam a decisão de renunciar a vida segundo a carne e assumir a nova vida em Cristo, a vida segundo o Espírito (Ef 4.25-5.21), aceitam sobre si o Senhorio de Jesus (Mt 7.21). O critério da confissão do Senhorio de Cristo sobre a vida é a manifestação do *fruto do Espírito*, pois o Espírito de Jesus é quem capacita o homem e a mulher a viverem a vida segundo os valores do Reino de Deus (Gl 5.25).

Em seu Sermão "O Cristianismo Bíblico", assim se expressa João Wesley:

"Neste capítulo [Atos 4] lemos que, estando os apóstolos e irmãos orando e louvando a Deus, "tremeu o lugar em que se achavam congregados, e todos ficaram cheios do Espírito Santo". Não encontramos aqui nenhuma aparência visível, tal como havia acontecido na passagem anterior, nem temos informação de que os dons extraordinários do Espírito Santo tivessem sido então comunicados a todos ou a alguns dentre eles, como os dons de "curar, de operar" outros "milagres, de profecia, de discernimento de espíritos, de falar diversas línguas e de as interpretar" (1 Co 12.9-10).

Que esses dons do Espírito Santo fossem destinados a permanecer na Igreja através de todas as idades ou que eles sejam ou não restabelecidos à medida que se aproximar a "restauração de todas as coisas", são questões que não é necessário decidir. É oportuno, entretanto, observar que, ainda na infância da Igreja, Deus repartiu esses dons da maneira mais parcimoniosa. Eram todos profetas? Eram todos operadores de milagres? Todos tinham o dom de curar? Falavam todos em línguas? De modo nenhum. Talvez nem um em mil. Provavelmente nenhum, a não ser o mentor de cada igreja e, dentre esses mestres, talvez mesmo só alguns deles (1 Co 12.28-30). Foi, portanto, para um fim mais elevado do que a simples posse desses dons, que "eles ficaram cheios do Espírito Santo".

A manifestação do Espírito Santo teve em mira conceder-lhes (o que ninguém pode negar seja essencial a todos os cristãos, em todos os tempos), a mente que havia em Cristo; os santos frutos do Espírito, os quais, não os tendo alguém, esse tal não lhe pertence; teve em vista enchê-los de "caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade (Gl 5:22-24); dotá-los de fé (talvez esta idéia melhor se expresse pelo termo fidelidade), com humildade e temperança; habilitá-los a crucificar a carne, com suas afeições e cobiças, suas paixões e desejos; e, em consequência da mudança interior, assim assegurada, preencher toda justiça exterior, "andar como Cristo também andou", na "obra da fé, na paciência da esperança, no trabalho de amor" (1 Ts 1.3).

Sem que nos envolvamos em curiosos, desnecessários inquéritos, no tocante aos dons extraordinários do Espírito, consideremos de mais perto os frutos ordinários do mesmo Espírito, cuja florescência permanente foi garantida a todas as idades; consideremos a grande obra divina realizada entre os filhos dos homens, obra que costumamos designar por uma única palavra: Cristianismo, não no sentido de ser uma série de opiniões, um sistema de doutrinas — mas no sentido de corporizar algo que se refere ao coração e à vida dos homens".

(João Wesley, Sermão "O Cristianismo Bíblico", n.º IV, 1.º volume de *Sermões de Wesley*, Imprensa Metodista, 1953)

Nós, os bispos da Igreja Metodista, afirmamos que os discípulos de Jesus são conhecidos pelo fruto do Espírito, o amor a Deus e ao próximo (Mt 22.34-40). O fruto do Espírito é o critério básico, estabelecido pelo próprio Jesus, que distingue no crente a recepção do batismo de Jesus — batismo com água e com o Espírito (Mt 3.11; Jo 3.5-8; At 2.38-39). Aqueles que têm o Espírito de Jesus, andam no Espírito e produzem o fruto do Espírito, pois são templo e habitação do Espírito de Deus (Rm 8.9-17, 1 Co 6.19). Este é o caminho da santificação.

Nós, os bispos da Igreja Metodista, afirmamos que os discípulos de Jesus são conhecidos pelo fruto do Espírito, o amor a Deus e ao próximo.

e) Os Dons Espirituais

“A propósito dos dons espirituais, irmãos, não quero que estejais na ignorância” (1 Co 12.1).

Vários textos do Novo Testamento nos apresentam listas de dons da Graça Divina (Rm 12.5-8; 1 Co 12.8-10, 28-31 14.26; Ef 4.11; 1 Pe 4.8-11). Isto deixa bem claro que não existe um número definido de dons, mas uma grande multiplicidade que indica de forma bem definida que a ação de Jesus abrange toda a amplitude da experiência humana. A importância dos dons não está no dom em si, mas no seu uso para a *edificação do Corpo*. Por isso devemos entender os dons espirituais sob o triplice aspecto: são “charismata”, “diakoníai” e “energuémata”, isto é, dons espirituais, ministérios e obras. Com isto entendemos *a sua origem, o modo como atuam na Igreja e a sua finalidade*. Quanto à *origem* os dons são “charismata”, manifestação concreta da “charis” (graça) divina. A “charis” divina é a origem de todo carisma. Isto nos faz ver que a origem de um carisma nunca está no homem, mas na graça de Deus que o envolve por todos os lados. É fundamental advertir sobre esta origem sempre que o dom é considerado ou exercido. Quanto ao seu *modo de atuar*, os dons espirituais são “diakoníai”, ministérios ou serviços. São dados para nos colocar em ação a serviço do Reino. Quanto à sua *finalidade*, são “energuémata”, obras exteriores. Quando um cristão exerce seu carisma, age como membro do Corpo de Cristo, isto é, o próprio Jesus faz alguma coisa por meio de uma pessoa. Quando Jesus age sempre aparece um resultado concreto. Portanto, a finalidade de todos os dons é a realização de alguma coisa concreta, uma ajuda a alguém, a edificação da comunidade. Por trás de toda essa atividade, está o Deus Trino, o Deus que vem a nós como “Pneuma” — Espírito, como “Kyrios” — Senhor, e como “Theos” — Deus, o Deus Trino que realiza “tudo em todos” (1 Co 15.28). Em contraste com esta forte ênfase na unidade — o mesmo Espírito, o mesmo Senhor, o mesmo Deus — está a não menos forte ênfase na

A importância dos dons não está no dom em si, mas no seu uso para a edificação do Corpo.

Portanto, a finalidade de todos os dons é a realização de alguma coisa concreta, uma ajuda a alguém, a edificação da comunidade.

diversidade: há diversidade de dons, diversidade de ministérios, diversidade de obras.

Reconhecemos, portanto, três elementos básicos no propósito divino quanto à distribuição dos dons à Igreja:

— *sua diversidade*: os dons são diversos porque diversas são as necessidades da Igreja, tanto comunitária, como pessoalmente. Tais necessidades são tanto de ordem interna (para atendimento da edificação dos crentes — crescimento na fé e no conhecimento da vontade de Deus), como de ordem externa (para atendimento da evangelização do mundo). Na medida em que estas duas dimensões da vida eclesial apresentam diversas necessidades específicas e concretas (At 6.1-7, 13.1-5, 14.23), Deus distribui os diversos dons necessários, diferentes entre si para que todas as funções necessárias na vida da Igreja sejam igualmente assistidas (Rm 12.4, 6.8; 1 Co 12.14-20, 28-30; Ef 4.7).

— *sua unidade*: a diversidade implica necessariamente em unidade porque os diversos dons visam a edificação da Igreja, do Corpo indivisível de Cristo (1 Co 1.12, 27; Ef 4.1-4). Os dons mantêm a sua unidade porque a fonte de onde emanam é uma só: o Espírito Santo — na unidade do Pai e do Filho (1 Co 12.13). Mas ainda — Só temos *um Senhor*; recebemos *uma só fé*; proclamamos *um único batismo*; e servimos a *um só Deus e Pai de todos* (Ef 4.5, 6). Ora, se Deus é um só e se a sua Igreja é uma só, os dons que dele provêm e que visam atender a Igreja em suas necessidades — tanto internas como externas — são em si mesmos indivisíveis, apesar de diferentes entre si em suas funções.

— *sua mutualidade*: os diversos dons, que em sua unidade visam a edificação da Igreja e sua capacitação para o testemunho do Evangelho ao mundo, complementam-se um ao outro no atendimento das necessidades de toda a Igreja, servindo de igual modo para o crescimento de todos os crentes (1 Co 12.14-26; Rm 12.9-21), na busca da maturidade à medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef 4.13-16).

Reconhecemos, portanto, três elementos básicos no propósito divino quanto à distribuição dos dons à Igreja: sua diversidade, sua unidade e sua mutualidade.

Deus distribui os diversos dons necessários, diferentes entre si para que todas as funções necessárias na vida da Igreja sejam igualmente assistidas.

Os dons mantêm a sua unidade porque a fonte de onde emanam é uma só: o Espírito Santo — na unidade do Pai e do Filho.

Os diversos dons, complementam-se um ao outro no atendimento das necessidades de toda a Igreja, servindo de igual modo para o crescimento de todos os crentes.

Este tríplice aspecto da distribuição dos dons nos evidencia claramente que o Espírito Santo não tem uma lista limitada de alguns dons, como querem fazer acreditar certos grupos ao procurarem enumerá-los (sete? nove? doze?), mas que de acordo com a dinâmica que ele imprime à missão supre à Igreja com os dons que lhe apraz. Daí concluímos que nem mesmo o Novo Testamento pretende nos desenhar uma estrutura rígida de ministérios, mas nos apresenta uma hierarquia *provisória*, pois de acordo com as necessidades da Missão em determinados momentos, certos dons são concedidos enquanto outros podem até mesmo desaparecer (1 Co 13.8-10), não havendo, portanto, uma preocupação por se uniformizar ou cristalizar os dons na vida da comunidade cristã.

Relembramos aqui a pastoral sobre o movimento carismático de 1975:

“Nem sempre aqueles que se interessam pelo Espírito Santo fazem distinção entre “o Dom do Espírito” e os dons do Espírito. Os segundos sem o primeiro só podem prejudicar aqueles que alegam possuí-los e perturbar a ordem e a paz de outros crentes fiéis e dedicados. O dom por excelência é o Dom do Espírito Santo. Todos os demais são secundários e complementários. Ninguém deve se gloriar de possuir dons mais excelentes que os demais crentes, pois o Corpo de Cristo, que é a Igreja, necessita de todos os dons para que ela cumpra a sua Missão no Mundo”.

Os dons são equipamentos necessários ao povo de Deus em marcha, mas os discípulos de Jesus são conhecidos não pelos dons espirituais, mas pelo amor. Por isso, nossa preocupação maior deve ser com o “Fruto do Espírito”, o amor. Qual o por que destas afirmações? Recorramos à passagem de Mateus 7.15-23. Notemos que os rejeitados reivindicam sua entrada no Reino baseados nas obras extraordinárias da profecia, dos exorcismos de demônios e da realização de milagres, todas feitas em nome de Jesus, o Senhor. Sua condenação, contudo, se dá face à qualidade devida incompatível com a vontade

Os dons são equipamentos necessários ao povo de Deus em marcha, mas os discípulos de Jesus são conhecidos não pelos dons espirituais, mas pelo amor. Por isso, nossa preocupação maior deve ser com o “Fruto do Espírito”, o amor.

de do Pai, pois praticaram a iniquidade. Aí está a resposta à questão: as manifestações extraordinárias de curas, milagres, línguas, etc., não são em si mesmas manifestações do Espírito de Deus. Estes fenômenos constantemente podem ocorrer em outros ambientes religiosos que nada têm a ver com os fundamentos da fé bíblica. Este é o caso que Paulo tem de enfrentar na Igreja de Corinto (1 Co 12.2 e 3a, cf. 8.1-13 e 10.14-11.1). O critério básico para distinguirmos a presença do Espírito de Deus na vida do crente é a manifestação do fruto do Espírito, pois quem ama conhece a Deus; o amor procede só de Deus; e só Deus é amor (1 Jo 4.7, 8, 16). Todos os dons e até mesmo as virtudes do Espírito virão a desaparecer, menos o amor (1 Co 13.8-13), pois este jamais acaba; só há amor onde o Espírito de Deus está presente, e onde o Espírito de Deus está presente ali se produz o fruto do amor. Por isso, Paulo adverte aos coríntios: “Passo a mostrar-vos o caminho que é o melhor de todos” (1 Co 12.31b) e proclama a excelência do amor (1 Co 13).

Com o critério do fruto do amor, norteando nossa compreensão sobre a ação de Deus entre nós, na graça do Senhor e no poder do seu Espírito, afirmamos que os dons do Espírito são elementos fundamentais na realização da Missão de Deus. Sem eles a Igreja não pode participar no propósito de Deus de salvar o mundo (Jo 3.16; 2 Co 5.18-20). O Novo Testamento nos testemunha sobre a comunidade primitiva, o Corpo de Cristo constituído em Igreja pela ação poderosa do Espírito, por ele dirigida e capacitada. Todos os ministérios existentes na Igreja vêm a ser por obra do Espírito. A concessão dos dons não se faz mecânica ou ocasionalmente, mas se dá na medida em que a Igreja cresce em seu testemunho no mundo (At 6.1-7, 14.23). Na medida em que a Igreja está viva, atuante e consciente da Missão, Deus, em Cristo, pelo seu Espírito, distribui os dons para a edificação do seu povo e para a evangelização do mundo (Ef 4.10-13, At 2.14-41). A recepção do dom do Espírito, legitimada pela presença do fruto do Espírito, se manifesta em serviço através dos dons à Igreja (1 Co

O critério básico para distinguirmos a presença do Espírito de Deus na vida do crente é a manifestação do fruto do Espírito.

Com o critério do fruto do amor, afirmamos que os dons do Espírito são elementos fundamentais na realização da Missão de Deus.

O lugar apropriado para a recepção dos dons é a Igreja e o seu exercício se faz no interior da comunidade cristã e no mundo, onde o Senhor nos tem colocado para cumprir o nosso ministério comum.

Nunca devemos buscar os dons em si mesmos, mas com o desejo de usá-los em amor no serviço da Igreja e na salvação do mundo.

Como bispos da Igreja advertimos que o uso dos dons mais espetaculares pode nos levar facilmente ao orgulho espiritual.

12.7-11, 27-31; Rm 12.5-8; Ef 4.11). O lugar apropriado para a recepção dos dons é a Igreja e o seu exercício se faz no interior da comunidade cristã e no mundo, onde o Senhor nos tem colocado para cumprir o nosso ministério comum (Mt 5.13-16). Como a fonte dos dons é a graça de Deus e sua recepção se dá pela fé em Jesus Cristo, a sua recepção não pode provocar qualquer sentimento de orgulho, vaidade ou auto-suficiência, negações que são da vida no Espírito. A doação dos dons não tem como sua finalidade última o bem-estar do crente, apesar de nos fazer sentir alegres em os receber, mas visa o bem-estar da comunidade da fé (1 Co 12.7, 12-27, 14.12, cf. Ef 4.12). Nunca devemos buscar os dons em si mesmos, mas com o desejo de usá-los em amor no serviço da Igreja e na salvação do mundo. Das referências neo-testamentárias sobre os dons espirituais, sem cair na tentação do reducionismo, isto é, de reduzi-los a esta ou aquela lista, podemos dizer que abrangem, entre outras, as áreas do culto divino, do ensino doutrinário e teológico, do cuidado e da assistência espiritual à comunidade cristã, da disciplina da Igreja, da prática da oração intercessória, da evangelização do mundo, do governo da Igreja, do socorro aos pobres, do discernimento da vida espiritual. Mediante o exercício responsável dos dons nestas e em outras áreas de atividade da Igreja, verifica-se a eficácia do Espírito no crescimento da fé nos crentes e na conversão do mundo. Tais dons têm supremacia sobre outros dons exatamente na medida em que servem para o bem de todos: crentes e não crentes.

Como bispos da Igreja advertimos que o uso dos dons mais espetaculares pode nos levar facilmente ao orgulho espiritual. Por esta razão, o uso de dons como o de sabedoria, discernimento e ciência, se torna mais importante, porque são diretivos no uso de todos os dons. Entendemos que todos os dons, maiores ou menores, quando "manifestações do Espírito", são importantes para a "edificação do Corpo de Cristo". Mas julgamos sempre oportuna a admoestação do apóstolo quando nos diz: "entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons" (1 Co

12.31). O uso incorreto dos dons espirituais pode ser corrigido usando as normas bíblicas dadas pelo apóstolo na Primeira Epístola aos Coríntios. Lembremos sempre que é dádiva de Deus o espírito de amor e moderação (2 Tm 1.7). O descontrole do uso de determinados dons pode gerar confusão e desordem. A nossa firmeza deve ter uma forte base bíblica.

Afirmamos, ainda, que os dons nos vêm pela fé em Cristo (Gl 3.14) e estão à disposição de todos os crentes. São dádiva de Deus a nós, que nos é dada juntamente com Espírito Santo (1 Ts 4.8). Todos carecem do Espírito. Sua recepção é dádiva de Deus — o doador se dando aos seus. Em nossa vivência de cristãos, devemos buscar, pois, o doador. O primeiro dom que o Pai nos oferece é o próprio Espírito Santo. O importante é a presença do Espírito em nossas vidas; os dons nos serão dados mediante os propósitos de Deus e para atender as necessidades da Missão. Com esta consciência, reconhecemos que os dons não visam a nossa glória, pois a nossa glória está na cruz de Cristo (Gl 6.4). Além disso, o exercício dos dons subordina-se ao fruto do amor, sem o que os dons nada são (1 Co 13.1-3).

f) *Profecia, Curas e Línguas Estranhas*

Nós, bispos da Igreja, consideramos, de acordo com os ensinamentos bíblicos, o dom de profecias como o meio pelo qual a mensagem divina é enunciada sob a inspiração do Espírito de Deus. Sua enunciação sempre vem a nós de maneira inteligível, de tal forma que tanto quem a pronuncia como quem a ouve, o faz de forma compreensiva à sua mente (1 Co 14.15, 19). Seu objetivo é exortar, consolar e edificar o Povo de Deus (1 Co 14.3). Sua proclamação serve para o crescimento na fé, no conhecimento da vontade de Deus, no amor aos irmãos e irmãs. Toda mensagem enunciada em nome de Deus deve ser devidamente confirmada por Deus pelo julgamento da Igreja, pois sendo o Espírito Santo dom de Deus à comunidade da fé, ele confirmará comu-

O descontrole do uso de determinados dons pode gerar confusão e desordem. A nossa firmeza deve ter uma forte base bíblica.

Afirmamos, ainda, que os dons nos vêm pela fé em Cristo, são dádiva de Deus a nós.

O primeiro dom que o Pai nos oferece é o próprio Espírito Santo.

Sua enunciação sempre vem a nós de maneira inteligível, de tal forma que tanto quem a pronuncia como quem a ouve, o faz de forma compreensiva à sua mente. Seu objetivo é exortar, consolar e edificar o Povo de Deus.

nitariamente a Palavra inspirada, conforme o próprio critério bíblico (1 Co 14.29, At 17.11).

Reconhecemos que a correta interpretação das Escrituras Sagradas e a sua proclamação na comunidade da fé, Palavra viva de Deus semeada na experiência humana, aponta à Igreja o propósito de Deus para a sua vivência. *Afirmamos, pois, que a proclamação da Palavra é profecia na sua mais autêntica manifestação* (2 Tm 3.16 cf. 2 Pe 1.16-21). Lembramos, contudo, que a autêntica palavra profética tem que ter o seu apoio e fundamento nas Sagradas Escrituras de forma clara e inequívoca, pois Deus não é Deus de confusão (1 Co 14.33a). É isto o que nos ensina Wesley no Artigo de Religião n.º 5.

Declaramos, ainda mais, que a Igreja Metodista não aceita que se confunda com o exercício da profecia, coisas tais como, prognósticos, adivinhações e prescrutar o passado, o presente e o futuro de quaisquer pessoas, reconhecendo que estas práticas são abominação aos olhos do Senhor (Dt 18.9-14), e, portanto, não devem ser toleradas em nosso meio.

Declaramos que a Igreja Metodista reconhece que o Deus criador é o mesmo que em Cristo, no poder do Espírito, sustenta, salva, restaura e renova todas as coisas. Reconhecemos e afirmamos o poder de Deus para curar enfermidades, através de meios e recursos ordinários e extraordinários. Declaramos que ao aceitarmos a possibilidade da cura divina, não fazemos desta graça divina a preocupação e o objetivo maiores de nossa missão como Igreja Metodista. Afirmamos que um dos dons dados à Igreja Metodista quanto à saúde é a sua mensagem e ação preventivas, combatendo tudo o que prejudica a mente e o corpo, levando o povo a praticar a "medicina preventiva".

Devemos fugir da tentação de querer reduzir o poder restaurador de Deus a uma fórmula mágica. De acordo com os relatos neo-testamentários as curas revelam a natureza misteriosa da atuação soberana de Deus. Não encontramos ali uma fórmula mágica para a cura, nem uma técnica fantástica para a restauração da saúde. Vemos somente o poder de Deus

manifestado de várias maneiras através de Jesus Cristo e seus apóstolos. Devemos lançar mão de todos os recursos, tanto os da ciência humana como os da graça divina, para cuidar da saúde.

Rejeitamos toda forma de exploração, que sob a aparência de cura divina, aproveita-se da boa-fé e da credulidade do povo, especialmente das camadas mais pobres e humildes de nossa população.

Afirmamos, finalmente, ao contrário dos grupos pentecostais tradicionais, que o dom de línguas não é o sinal distintivo da recepção do Espírito Santo, pelas razões já anteriormente expostas. O sinal distintivo da recepção do Espírito é o fruto do amor. O que a Bíblia nos diz é que o dom de línguas é um entre os demais dons do Espírito. Paulo, apesar de o possuir, o reduz a uma experiência de caráter pessoal e de valor comunitário secundário, condicionado que está à presença de intérpretes para que haja edificação da comunidade. Portanto, como não é isso o que acontece geralmente, não recomenda o seu exercício em público, pois pode gerar confusão, descrença e escândalo (1 Co 14.1-25). Seu exercício pode vir a ser útil à edificação pessoal daquele que o recebe do Senhor. Nós não o consideramos obrigatório a todos os crentes, pois é do critério do Espírito distribuir os dons como e a quem lhe apraz (1 Co 12.11). A respeito do dom de línguas assim se expressou Wesley:

"O dom de línguas, vós o afirmais, pode ser considerado a prova ou o critério apropriado para se determinar as pretensões miraculosas de todas as Igrejas. Se entre os dons extraordinários as Igrejas não podem apresentar tal dom, elas não têm como demonstrar que são genuínas [em sua eclesialidade].

Eu penso realmente que as coisas não são assim. Eu creio que tem sido estabelecida para o caso uma regra: um só e mesmo Espírito realiza todas estas coisas distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente"; e como a cada indivíduo, assim também a cada Igreja, a cada corpo coletivo de homens. Se realmente assim o é, então o vosso teste não é o adequado para determinar as pretensões de

Devemos lançar mão de todos os recursos, tanto os da ciência humana como os da graça divina, para cuidar da saúde.

Afirmamos, finalmente, que o dom de línguas não é o sinal distintivo da recepção do Espírito Santo. O sinal distintivo da recepção do Espírito é o fruto do amor.

Nós não o consideramos obrigatório a todos os crentes, pois é do critério do Espírito distribuir os dons como e a quem lhe apraz.

A Igreja Metodista não aceita que se confunda com o exercício da profecia, coisas tais como, prognósticos, adivinhações e prescrutar o passado, o presente e o futuro de quaisquer pessoas.

Reconhecemos e afirmamos o poder de Deus para curar enfermidades, através de meios e recursos ordinários e extraordinários.

todas as Igrejas; vendo aquele que opera como quer, pode, com a vossa licença, conceder o dom de línguas onde ele não concede outros dons; e pode ver abundantes razões para assim o fazer, quer as vejamos ou não. Pois talvez não temos conhecido sempre a mente do Senhor e nem o número dos seus conselheiros. Entretanto, ele pode ter visto boas razões para conceder muitos outros dons onde não é de sua vontade conferir este [dom de línguas]. Particularmente onde não seja de qualquer utilidade, como no caso de uma Igreja onde todos têm uma só mente e onde todos falam a mesma língua". (Obras de João Wesley, Vol. X, pg. 56).

Seguindo o conselho apostólico, e o de nosso Pai espiritual, consideramos que o seu uso durante os cultos e reuniões públicas é desaconselhável pois por si mesmo não edifica a Igreja como um todo. O seu exercício deve ser enquadrado dentro dos critérios que os nossos irmãos bispos estabeleceram em sua pastoral de 15 de julho de 1975:

"A Igreja Metodista aceita o não proibais de São Paulo aos Coríntios (1 Co 14. 39), mas seguindo ainda o apóstolo, sugere critérios para o exercício dos dons espirituais:

- 1.º — a inteligibilidade (1 Co 14. 1-19)
- 2.º — o poder do convencimento (1 Co 14. 20-25 cf, Is 28. 11, 12)
- 3.º — o controle (1 Co 14. 26-33)
- 4.º — a decência e a ordem (1 Co 14. 34-40)."

g) *O Espírito Santo e o Uso da Bíblia na Igreja*

A Igreja Metodista declara que o fundamento de suas doutrinas são as Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos (Art. 4.º da Constituição). Wesley queria ser o homem de um livro só — a Bíblia. Em seu diário proclama: "meu fundamento é a Bíblia. Sim, sou intransigentemente a favor da Bíblia. Sigo-a em todas as coisas, grandes e pequenas".

A leitura da Bíblia, entretanto, em nossas Igrejas tem sido feita muitas vezes de maneira litera-

lista, esquecendo-se do princípio bíblico de que "a letra mata, mas o Espírito vivifica" (2 Co 3. 6). Ao assim fazermos, aferramo-nos à letra do texto, esquecendo-nos do sentido amplo daquilo que a Bíblia nos comunica — a revelação do Deus vivo. Cremos na Bíblia como o testemunho escrito da revelação divina, dado por homens movidos pelo Espírito Santo. Afirmamos que Cristo é o critério principal para a interpretação de toda a Bíblia e nenhuma de suas partes deixa de estar sujeita à Palavra de Deus feita carne (Jo 1. 14).

Alertamos a toda a Igreja para os perigos graves que corremos quando se constrói conjuntos de doutrinas, práticas e costumes a partir de versículos isolados, retirados do seu contexto (como se fosse um horóscopo do crente ou um livro da sorte), particularizando-se a visão total de toda a revelação bíblica.

Afirmamos com João Wesley e em comunhão com todo o metodismo histórico, que no exercício da fé cristã aquilo que não se pode basear no testemunho bíblico não deve ser crido como artigo de fé e de forma alguma pode ser considerado como imprescindível à salvação (Art. de Religião n.º 5).

h) *Evidências Internas e Externas da Presença do Espírito*

Quais são as evidências, os sinais e os critérios para a verificação da evidência do Espírito em nós?

Na experiência cristã em nossa vivência de fé temos aspectos objetivos e subjetivos. Os aspectos objetivos revelam aquilo que Deus é, o que Ele realiza, o que foi revelado pelo Espírito, testificado e confirmado pela Palavra Divina. Os aspectos subjetivos são o modo como percebemos nossa experiência com a graça de Deus, daquilo que Ele nos revela e concede. A nossa fé se fundamenta em Deus e não em nós mesmos, para que a nossa fé não venha a se apoiar no homem, mas sim na graça divina (1 Co 2. 4-5). Podemos cair na tentação de fundamentar a nossa fé em nós mesmos, nossas convicções pes-

Afirmamos que Cristo é o critério principal para a interpretação de toda a Bíblia e nenhuma de suas partes deixa de estar sujeita à Palavra de Deus feita carne.

Os aspectos objetivos revelam aquilo que Deus é, o que Ele realiza, o que foi revelado pelo Espírito, testificado e confirmado pela Palavra Divina. Os aspectos subjetivos são o modo como percebemos nossa experiência com a graça de Deus.

A Igreja Metodista declara que o fundamento de suas doutrinas são as Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos.

soais, nossas experiências, ao invés de nos fundamentarmos em Cristo e somente nEle (1 Co 3.11-23 cf. At 4.10-12).

Quais seriam as evidências internas da presença do Espírito? Muitas poderiam ser citadas, todavia podemos resumir no seguinte:

— Aceitação alegre e submissa do senhorio de Cristo sobre a vida em todos os seus aspectos.

— Contínua transformação pelo Espírito em nossa vida, santificando-nos e enchendo-nos do seu amor, submetendo-nos incondicionalmente à vontade de Deus.

— Testemunho do Espírito com o nosso espírito de que somos filhos de Deus, produzindo em nós consciência de perdão e paz, alegria, reconciliação com Deus, conosco e com o próximo, espírito de humildade, amor e serviço.

— Contínuo anseio pela presença, cada vez maior, de Deus na vida e desejo profundo do conhecimento de Sua Palavra.

— Vida de comunhão com os irmãos e irmãs na comunidade da fé.

— Testemunho vivo da fé em Cristo, tanto no plano das relações pessoais como no plano das relações sociais.

Quais seriam as evidências e os critérios externos?

— Toda a experiência e vivência da vida do Espírito deve ser norteada e comprovada pela Palavra de Deus. A Bíblia é o critério normativo e comprobatório de nossas experiências. Temos que submeter nossa compreensão e vivência no Espírito à visão total da Bíblia.

— A *comunidade da fé* é importante para o discernimento e comprovação de nossas experiências. Apesar da fé cristã ser uma experiência pessoal, ela não é individualista, mas sim autenticada, comprovada, vitalizada e enriquecida na convivência dos cristãos, na comunidade da fé, que é a Igreja.

— Deus concedeu ao homem, como parte de sua Imagem e Semelhança, a *razão*. A mente é um canal de revelação e ação divinas. Nossas experiências devem passar pelo caminho da mente humana,

Palavra de Deus. A Bíblia é o critério normativo e comprobatório de nossas experiências.

A comunidade da fé é importante para o discernimento e comprovação de nossas experiências.

A razão. A mente é um canal de revelação e ação divinas.

iluminada e nutrida pela fé. A revelação divina não contradiz a lei que o próprio Deus imprimiu em nossas mentes. O apelo apostólico nos afirma que devemos crescer na “graça e no conhecimento” de Cristo. Nossa mente é um dos canais da revelação divina, sendo iluminada pela fé no seu efetivar em nós. Lembremo-nos o que nos diz João Wesley em seu Sermão sobre “o caso da razão imparcialmente considerado”:

“Faça a razão tudo que ela pode; usai-a até onde ela possa ir. Mas reconheci ao mesmo tempo que ela é totalmente incapaz de dar fé, esperança ou amor, e, conseqüentemente, de produzir quer a verdadeira virtude quer a felicidade substancial. Esperai estas coisas da fonte mais alta, do Pai dos espíritos de toda carne... Mas não é a razão que, assistida pelo Espírito Santo, nos capacita a entender que as Sagradas Escrituras declaram a respeito do ser e dos atributos de Deus? Da sua eternidade e imensidade, do seu poder, sabedoria e santidade? É pela razão que Deus nos capacita, até certo ponto, a compreendermos o seu método de tratar com os filhos dos homens, a natureza de suas várias dispensações — da velha e da nova, da lei e do evangelho. É por esta que nós entendemos (o seu Espírito abrindo e iluminando os olhos do nosso entendimento) que não nos devemos arrepender de nos termos arrependido, que é pela fé que somos salvos, quais são a natureza e a condição da justificação e quais são os seus frutos imediatos e subseqüentes. Pela razão aprendemos o que é o novo nascimento sem o qual não podemos entrar no reino do céu e a santidade sem a qual nenhum homem verá o Senhor. Pelo uso devido da razão nós chegamos a conhecer os elementos implícitos na santidade interior e o que significa ser santo exteriormente — santo em toda conversação; em outras palavras: qual é a mente que houve em Cristo e o que é andar como Cristo andou”.

(Conforme *Coletânea da Teologia de João Wesley*, Burtner e Chiles, Imprensa Metodista, 1960, pgs. 27 e 28).

— *Autoridade da fé acima da emoção.* Não podemos negar a importância da emoção na vida das pessoas. A vida cristã é uma experiência emocional, pois a emoção é parte vital do ser humano. Todavia, a vida cristã está totalmente fundamentada na fé. Pela fé nos relacionamos com Deus, somos salvos, vivemos a vida no Espírito e desenvolvemos a totalidade de nossa vida cristã. A fé possui o seu aspecto subjetivo (Rm 4.16-25) e o seu aspecto objetivo (Ef 2.8, 29), enquanto que as emoções são apenas subjetivas e pessoais. Sem deixar de lado o valor das emoções, devemos fundamentar a nossa vivência cristã na fé. O justo vive e anda pela fé (Hc 2.4).

Wesley afirma que o ministério do Espírito Santo objetiva levar o crente a ter a mente de Cristo, andar como Ele andou e expressar em si e na vida o "mesmo sentimento" que houve em Cristo Jesus. Numa alusão clara à evidência externa mais precisa da presença do Espírito em nós — o fruto do amor (Fp 2.5; 4.8-9).

Convém lembrar que as nossas experiências pessoais com Cristo e no Espírito, são dinâmicas, contínuas e crescentes. Elas nunca devem ser finais. O clímax delas deve ser o início de um contínuo processo de maturação da fé, a fim de que você possa cumprir o seu ministério no mundo de maneira eficaz.

3. NORMAS DE ORIENTAÇÃO PASTORAL

Nossos Bispos em sua Pastoral de 1975 sobre o Movimento Carismático assim se expressaram:

"Neste momento em que a Igreja Metodista está sendo despertada para tomar consciência de sua missão no mundo e buscar o poder para cumpri-la, reconhecemos a necessidade urgente do Dom do Espírito para o cumprimento da missão. Os planos e programas de Evangelização, Ação Social, Missões, Educação e outros, só se tornam parte da Missão na medida em que são batizados com a promessa de Jesus (At 1.8): "Mas recebereis poder, ao descer

sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra". O Dia de Pentecostes tem sido considerado como o dia de Nascimento da Igreja Crisã. Sob a presença e poder do Espírito Santo houve manifestações miraculosas. Mas além destas manifestações miraculosas, estava o revestimento permanente do Espírito nas almas dos crentes, como um poder iluminador e santificador, que os unia em um só corpo".

Creemos que a Igreja precisa orar por uma efetiva consciência de ação do Espírito Santo, para responder às suas manifestações no mundo de hoje. Não podemos deixar de considerar o fato de que problemas de discernimento entre o verdadeiro e o ilusório podem surgir, mas tais problemas não devem afetar a nossa crença na ação do Espírito Santo. Por outro lado, não devemos permitir que o temor ao que seja desconhecido ou mesmo incomum, possa fechar as nossas mentes para a realidade de uma experiência real.

Sabemos que existe possibilidade de abuso quanto a uma experiência mística, mas isto não nos pode levar a rejeitar ou a não aceitar os relacionamentos autênticos e adequados com o Espírito Santo.

Colocando-nos frente a frente com as premissas levantadas pelas experiências carismáticas, insistimos por um mútuo espírito de abertura e amor. Se não estivermos dispostos a compreender de forma objetiva e amorosa a experiência religiosa de outros, mesmo diferente da nossa, dificilmente poderemos manter nossa Unidade no Espírito e a condição para testemunho de nossa fé cristã dentro da tradição metodista. Em face disto recomendamos:

3.a) DIRETRIZES PARA TODOS

- 1 — Seja aberto e pronto a admitir aqueles cuja experiência religiosa seja diferente da sua.
- 2 — Inclua efetivamente todas as discussões, conselhos e reuniões e pessoas em suas orações diárias.

Creemos que a Igreja precisa orar por uma efetiva consciência de ação do Espírito Santo, para responder às suas manifestações no mundo de hoje.

Sem deixar de lado o valor das emoções, devemos fundamentar a nossa vivência cristã na fé. O justo vive e anda pela fé.

As nossas experiências pessoais com Cristo e no Espírito, são dinâmicas, contínuas e crescentes.

- 3 — Seja aberto às novas formas em que Deus, pelo Seu Espírito, possa estar falando à Sua Igreja.
- 4 — Busque os Dons do Espírito que enriquecem sua vida e o seu ministério.
- 5 — Reconheça que mesmo sendo verdade o fato de que existem exageros no que concerne ao uso dos dons espirituais, isto não significa que eles sejam proibidos.
- 6 — Lembre-se de que na história da Igreja, os reavivamentos têm tido muitas formas diferentes e ocorridos em diferentes épocas. O reavivamento carismático pode trazer uma contribuição válida para uma Igreja ecumênica.
- 7 — Não se constranja em usar o critério da razão para examinar as suas experiências religiosas. Lembre-se de que Wesley afirmava: *"Nós temos o princípio fundamental de que o renunciar à razão é renunciar à religião, que a religião e a razão caminham de mãos dadas e que toda a religião sem a razão é falsa"*. (Cartas de Wesley ao Sr. Rutherford)
- 8 — Use sempre o critério bíblico de provar os espíritos para ver se os dons procedem de Deus (1 Jo 4.1-8). Este discernimento é importante pois há muito do *eu* e do homem presentes nas manifestações tidas como do Espírito.
- 9 — Como pastor ou pastora, procure crescer em sua experiência e prática, como exegeta da Bíblia, um teólogo sistemático, e um pregador em toda a plenitude do Evangelho. Seus Sermões e estudos devem sempre manifestar uma firme base bíblica e teológica, com vitalidade espiritual, a fim de que sua congregação cresça no conhecimento e no amor de Cristo, no seu propósito de salvar o mundo.
- 10 — Finalmente, lembrando-nos que a Igreja Metodista é teologicamente pluralista, podemos endossar o clássico e ecumênico lema: "No essencial, unidade; no não essencial, liberdade: e em todas as coisas, caridade".

5.b) PARA OS PASTORES E PASTORAS CARISMÁTICOS

- 1 — Combine sua experiência carismática com um profundo conhecimento e um real ajuste à política e à tradição do Metodismo. Lembre-se de que você poderá servir melhor à Igreja, através do uso amoroso e disciplinado dos dons e através de sua conduta como pastor de toda a sua congregação, à medida em que você atue como um pastor ou pastora responsável e participante.
- 2 — Procure um relacionamento profundo com seus colegas de ministério, quer sejam ou não dos que se incluam na experiência carismática.
- 3 — Lembre-se dos seus votos de ordenação, particularmente o de esforçar-se, o quanto depender de você, para manter a paz, a tranquilidade e o amor entre todos os cristãos, especialmente os que estão sob sua responsabilidade pastoral.
- 4 — Evite a tentação de impor e forçar seus pontos de vista pessoais e suas experiências, sobre os outros. Procure compreender aqueles cujas experiências espirituais diferem da sua. Sua experiência não é final. Ela deve ser parte de um processo de crescimento e maturação.
- 5 — Ore a Deus pelos dons do Espírito, essenciais ao seu ministério. Examine continuamente sua vida, no que diz respeito ao fruto do Espírito.
- 6 — Procure encontrar uma significativa expressão de sua experiência pessoal, através dos ministérios do testemunho comunitário, para o enriquecimento mútuo de todos os crentes. A experiência é pessoal, mas não é individualista. Ela requer o discernimento e o julgamento da Igreja, como comunidade da fé.
- 7 — Não forme grupos à parte. Todas as reuniões devem ser abertas a todos.

- 8 — Examine sempre a sua experiência à luz da Bíblia e da tradição viva da Igreja. Lembre-se que o espírito de autocritica é necessário para mantermos o nosso equilíbrio.
- 9 — Na expressão de uma nova experiência *não é necessário adotar costumes e gestos de grupos pentecostais tradicionais* adquiridos em circunstâncias e contextos diferentes do nosso. Lembre-se que a cópia de certas expressões físicas e verbais *pode se tornar uma barreira* para o seu testemunho. O que deve caracterizar sua nova experiência não são suas novas expressões, mas a mudança que se operou em toda a sua vida.
- 10 — Devemos ter cuidado em acolher pessoas ou grupos que se preocupam em discutir doutrinas e costumes em prejuízo do essencial da mensagem cristã.
- 11 — Ao participar de reuniões interdenominacionais não minimize as diferenças existentes entre os vários grupos e esteja pronto a discutí-las, à luz da Verdade, sob a ação do Espírito Santo. A consciência de quem somos nos ajuda a crescer no Corpo de Cristo.

3.c) PARA OS PASTORES E PASTORAS NÃO CARISMÁTICOS

- 1 — Examine continuamente sua interpretação sobre a doutrina e a experiência do Espírito Santo. Você poderá assim expressar-se com clareza.
- 2 — Relembre as lições da história da Igreja, quando o povo de Deus atualiza verdades perenes, que o processo é muitas vezes inquietante, e chega até mesmo a envolver distúrbios, mudanças, amarguras e desentendimentos.
- 3 — Procure antes de tudo *saber o significado* do reavivamento carismático para aqueles que o experimentam. Guarde seu julgamento até que esse conhecimento preliminar seja obtido. Consulte e analise a literatura existente so-

bre o movimento. Depois disso então julgue, como um cristão, como um Ministro Metodista e como um pastor ou pastora consciente e compreensivo.

- 4 — Quando ocorrer o fato de falarem línguas estranhas, procure ver o que isto significa para aquele que está falando, em sua vida particular e devocional. Observemos que o Artigo XV dos "Artigos de Religião" diz só respeito ao uso do vernáculo nos serviços regulares de culto. Devemos considerar que o falar línguas estranhas é considerado o menor dos dons do Espírito Santo, mesmo por muitos dos que têm experiência carismática.
- 5 — Procure conhecer a significação dos outros "dons do Espírito" na experiência carismática, tais como a excelência da sabedoria, o conhecimento, o dom da fé, a cura, os milagres ou o dom de profecias.
- 6 — Os pastores e pastoras Metodistas *devem ter boa-vontade* para com os benefícios a serem obtidos através da mútua e variada troca de experiências que encontram apoio nas Escrituras. Por isso mesmo, os pastores e pastoras devem franquear todas as reuniões, quer sejam de orações ou de cultos ou confraternização, a todos os membros interessados da Congregação.
- 7 — A experiência do Espírito Santo não torna um crente maduro de um dia para o outro. Por isso, não espere que alguém que afirme ter passado por essa experiência revele imediatamente todos os traços da maturidade cristã. Lembre-se da experiência de Corinto (1 Co 3.1-2).
- 8 — Muito cuidado com a *tendência de se separar* daqueles que têm uma experiência diferente da sua. A formação de grupos, tanto de um lado como de outro, constituem-se numa arma poderosa para destruir a obra do Reino de Deus.
- 9 — Não fique perturbado se sua experiência é diferente da dos outros. Isto não significa que

você seja um Cristão inferior. Sua tarefa na obra e na missão de sua Igreja demanda um chamado para diversos dons (1 Co 12.13 e 14).

3.d) PARA OS LEIGOS QUE TENHAM TIDO EXPERIÊNCIAS CARISMÁTICAS

- 1 — Lembre-se de combinar com seu entusiasmo, um profundo conhecimento do Metodismo e um ajustamento à sua forma de governo. O movimento Carismático tem uma das suas origens no movimento de santificação, que faz parte de nossa tradição metodista. Converse com seu pastor ou pastora sobre o significado desta experiência para você.
- 2 — Ore para que o Espírito o ajude a entender os fatos e fazer com que você mantenha um sentimento de compreensão para com seus irmãos e irmãs Metodistas.
- 3 — Lute por um conhecimento em profundidade do conteúdo das Escrituras, condizente com sua experiência espiritual. "Busque unir a ciência e a piedade vital" (João Wesley). Lute por integrar suas experiências nas tradições teológicas de nossa Igreja.
- 4 — Evite o entusiasmo não disciplinado e não sóbrio em sua ansiedade por repartir sua experiência com outros. Resista à tentação de se colocar como uma autoridade superior sobre experiências espirituais dos outros. As falhas nesse comportamento levam outros Metodistas a considerá-lo um orgulhoso espiritual.
- 5 — Mantenha suas reuniões de oração e outros tipos de reuniões abertas a todos os membros de sua congregação; nunca realize reuniões fechadas ou separadas. Quando pessoas não-carismáticas estiverem presentes, coloque-as a par do propósito da reunião, com uma interpretação do significado daquilo que ali se realiza.

6 — Lembre-se de que existem muitos tipos de experiências cristãs que podem levar as pessoas a um crescimento espiritual. A experiência carismática é apenas uma delas.

7 — Aceite as oportunidades de se tornar pessoalmente envolvido no trabalho e na missão de sua própria Igreja. Permita então que os resultados de sua experiência sejam vistos na aprimorada qualidade de sua atuação como membro da Igreja. Seja um dos sustentáculos entusiastas de sua Igreja, colaborando com o seu Pastor ou Pastora, com os leigos, com o seu distrito, com a sua Região, com a Igreja geral e a missão de cada um desses organismos. Este será o mais efetivo testemunho que você poderá dar no sentido de mostrar a validade e a vitalidade de sua experiência. Esforce-se por integrar sua experiência com as tradições teológicas de sua Igreja.

8 — Não é necessário adotar as expressões físicas e verbais utilizadas pelo Pentecostalismo. Essas expressões específicas tornam-se, às vezes, uma barreira para o seu testemunho.

9 — Conserve sua experiência carismática sempre em observação. Lembre-se de que isto não significa que você seja melhor do que os outros cristãos. Cuidado com o orgulho religioso.

3.e) PARA OS LEIGOS NÃO CARISMÁTICOS

1 — Em nossa tradição cristã, cremos que Deus está constantemente procurando renovar a sua Igreja, incluindo a Igreja Metodista. Ore a Deus para que Ele revele a você o seu lugar certo no processo de renovação.

2 — Alguns membros da congregação, colegas seus, têm uma experiência carismática. Aceite-os efetivamente como Cristãos Metodistas. Evite a tentação de "minimizar" toda e qualquer experiência.

3 — Muito cuidado com a tendência de você se separar daqueles que tenham tido experiên-

cias diferentes das suas. Observe pessoalmente os carismáticos nas reuniões de oração, em seu trabalho na Igreja e em sua participação na missão de sua Igreja. Examine os ensinamentos das Escrituras sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo. Ore a Deus para que lhe ajude. Converse com o seu Pastor ou Pastora.

- 4 — Não fique perturbado, se sua experiência é diferente da dos outros. Isto não significa que você seja um Cristão inferior. Sua tarefa na obra e na missão de sua Igreja demanda um chamado para diversos dons (1 Co 12, 13 e 14).
- 5 — No caso de o seu Pastor ou Pastora ser carismático, ajude-o a ficar bem ciente das necessidades espirituais de toda a Igreja; ajude-o a ser um mestre e pastor de todos e a apresentar em sua pregação todos os aspectos e a plenitude do Evangelho.

4. CONCLUSÃO

Ao entregarmos esta pastoral nós anima o amor que sentimos por todo o rebanho que constitui a Igreja Metodista. Oramos ao Senhor para que entre nós se cumpra a vontade do Senhor: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra, a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17.20-21).

Se, entretanto, o perigo da dissensão rondar nossas comunidades, todas as partes envolvidas são exortadas a examinar a situação no espírito de amor, unidade e compreensão, de aceitação mútua e fraterna, em atitude de humilde oração, procurando sujeitar-se em amor a estas nossas orientações pastorais e doutrinárias. Muitas vezes a tensão e o conflito podem conduzir a Igreja a uma vivência em Cristo mais autêntica e verdadeira; portanto, todos são chamados a agir com prudência, sabedoria e moderação.

Acima de tudo, todos devem buscar dialogar franca e abertamente com todas as partes em questão, não excluindo *a priori* quem quer que seja. Conhecimento *in loco* da situação, do seu significado para os que nela estão envolvidos, e a sua importância para a Missão do Povo de Deus, tudo isto ajuda a superar as tensões e os conflitos de maneira criativa e positiva. Cuidado com a liberdade que Deus vos dá (Gl 5.13).

Onde um ministro clérigo estiver dando ênfase exagerada a um aspecto parcial da totalidade do Evangelho, ele ou ela deve ser aconselhado a preocupar-se com o Evangelho todo, de tal sorte que as necessidades de toda a congregação sejam devidamente atendidas.

Todos os metodistas são convocados a compreender os programas de nossa Igreja e com eles se comprometerem de tal sorte que a variedade de dons que o Senhor nos concede contribua para o crescimento de todo o corpo de Cristo.

Apelamos a todos a seguirem a exortação bíblica: "não abandonemos nossa congregação" como é costume de alguns, antes admoestemo-nos uns aos outros" (Hebreus 10.25a).

Como bispos da Igreja nos comprometemos a cumprir o nosso mandato, pastoreando sobre todo o rebanho de Deus, sem discriminações e preconceitos, a fim de sermos sempre sinal da unidade do Povo de Deus e agentes da Reconciliação de Deus em Cristo Jesus.

"UNIDOS PELO ESPÍRITO, METODISTAS EVANGELIZAM" — se permitirmos que o Espírito Santo esteja presente na nossa vida e na vida da Igreja, frutificando essencialmente o amor, nos manteremos unidos, *a despeito* de nossas diferenças de opinião e de nossas experiências pessoais, e teremos o poder para evangelizar o mundo.

No amor e na paz de Cristo,

São Paulo, abril de 1980 (1ª edição)

Os Bispos da Igreja Metodista

Como bispos da Igreja nos comprometemos a cumprir o nosso mandato, pastoreando sobre todo o rebanho de Deus, sem discriminações e preconceitos, a fim de sermos sempre sinal da unidade do Povo de Deus e agentes da Reconciliação de Deus em Cristo Jesus.

Se, o perigo da dissensão rondar nossas comunidades, todas as partes envolvidas são exortadas a examinar a situação no espírito de amor, unidade e compreensão, de aceitação mútua e fraterna, em atitude de humilde oração, procurando sujeitar-se em amor a estas nossas orientações pastorais e doutrinárias.